

Casas assombradas: aparições dos mortos entre o Ceará e Portugal



RESUMO

Casas assombradas podem ser espaços convidativos para a aparição de almas. Pelo Estado do Ceará e por Portugal investigamos narrativas orais sobre assombrações em meio a residências onde habitam os vivos. Através das abordagens da micro-história e da história cruzada (comparação) desvendamos práticas, formas de aparição e interação entre sujeitos e assombrações. Por meio de uma perspectiva micro-histórica comparativa percebemos que as assombrações cearenses e portuguesas guardam traços comuns. Podem aparecer por diferentes motivos, dentre eles: por morte violenta, para expulsar pessoas que consideram indesejadas, para pedir por sufrágios e em alguns casos apenas se comunicando ao exercer seu ato de aparecer, o que ainda assim demonstra uma comunicação e uma mensagem para com os vivos.

Palavras-chave: Assombrações; Casas; Aparição; Medo; Mortos.

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). CV: <http://lattes.cnpq.br/1503779192127091>

Haunted houses: apparitions of the dead between Ceará and Portugal

ABSTRACT

Haunted houses can be inviting spaces for the appearance of souls. In the state of Ceará and in Portugal, we investigated oral narratives about ghosts in the midst of residences where the living live. Through the approaches of microhistory and cross-history (comparison) approaches, we uncovered practices, forms of appearance and interaction between subjects and ghosts. Through a comparative microhistorical perspective, we realized that ghosts from Ceará and Portugal have common traits. They can appear for different reasons, among them: due to violent death, to expel people they consider unwanted, to ask for votes and in some cases simply communicating by performing their act of appearing, which still demonstrates communication and a message to the living.

Keywords: Hauntings; Houses; Apparition; Fear; Dead.

Casas encantadas: apariciones de muertos entre Ceará y Portugal

RESUMEN

Las casas embrujadas pueden ser espacios propicios para la aparición de almas. En el estado de Ceará y en Portugal, investigamos narrativas orales sobre fantasmas en las residencias de los vivos. Mediante enfoques de microhistoria e historia cruzada (comparación), descubrimos prácticas, formas de aparición e interacciones entre sujetos y fantasmas. A través de una perspectiva microhistórica comparativa, nos dimos cuenta de que los fantasmas de Ceará y Portugal comparten rasgos comunes. Pueden aparecer por diferentes motivos, entre ellos: muerte violenta, para expulsar a personas que consideran indeseables, para pedir votos y, en algunos casos, simplemente para comunicarse mediante su acto de aparición, lo que aún demuestra comunicación y un mensaje para los vivos.

Palabras clave: Fantasmas; Casas; Apariciones; Miedo; Muertos.

É provável que o tipo mais comum de aparecimento de alma seja em locais residenciais, onde pessoas possam, ao menos, pernoitar: casas, apartamentos, hotéis, castelos ou cabanas, essas últimas encontradas nos confins de uma mata ou floresta. Lugares como esses quando assombrados revelam sentidos peculiares que estão relacionados especificamente a um tipo de assombração. Aqui as almas de um além-mundo voltam, ou quem sabe nem chegaram ir realmente, habitam locais, executam movimentos, quebram os silêncios e proferem seus barulhos.

Muitas vezes são vozes mal-ouvidas, rangidos sem explicação aparente, vultos que são vistos quando alguém olha rapidamente de viés. Nesse momento uma pessoa que passa por uma experiência assim costuma sentir um medo assaltar o corpo e a mente. Fica paralisado? Corre? Seja lá qual ação um sujeito tente executar o medo não lhe escapa até que um tempo decorra sobre o susto que o atingiu e ele esteja distante suficiente do dito local assombrado. Ainda assim é provável que a mente se lembre e reelabore a cena de medo e da situação assombrosa.

Será por entre esses aspectos de medos e assombrações que esse breve estudo se deterá. Mais especificamente analisaremos narrativas orais sobre aparição de almas visíveis e não visíveis. O que seria esse tipo de designação? As almas visíveis são aquelas que aparecem ora como um vulto, que mal se pode ver um contorno físico; ora em forma de corpo humano bem mais definido e tendo uma silhueta mais concreta como se fosse uma pessoa de carne e osso. O que diferencia essa segunda definição de uma pessoa viva, em termos de visualização, é algumas vezes sua aparência esbranquiçada.¹ Já as almas não visíveis são aquelas que se revelam ou são notadas por pessoas através de um som proferido, tanto pela própria assombração como por algum objeto utilizado por ela. Nessa categoria, as almas não visíveis ainda podem ser entendidas também como invisíveis: um barulho ocorrido a frente de um sujeito cujo som a pessoa associa a uma assombração.

As fontes que analisaremos nessa investigação enfocam os atributos referentes a esses tipos de almas e suas formas de aparição no mundo dos vivos. As narrativas são provenientes da oralidade, partindo do pressuposto de que

os textos orais dizem e não dizem, ele mais velam do que revelam. Sob a cintilação das imagens, eles convidam a descobrir um sentido que permanece oculto. Eles convidam a partilhar com o outro a procura do sentido. Sua estrutura é essencialmente de tipo dialógico: uma palavra sempre partilhada (Bonvini, 2006, p. 9).

Essa partilha provocada pela relação entrevistador/entrevistado produz um texto, uma narrativa oral cujo nosso propósito é desbravar, inquerir, investigar, suas entrelinhas. Um primeiro conjunto de narrativas é fruto de entrevistas realizadas durante o ano de 2018 com residentes do município de Limoeiro do Norte, no Estado do Ceará. São mulheres e homens

¹ Aqui, podendo ter a aparência comum do espectro branco meio translúcido ou uma pessoa vestida com roupas brancas. Esse tipo de aparência por parte dos mortos é comum desde a Idade Média conforme menciona, Claude Lecouteux (1999) e Jean-Claude Schmitt (1999). Assim como é comum no Brasil, nos dizeres de Câmara Cascudo (1999, 2012) e Gilberto Freyre (1987), por exemplo.

católicos, acima de 60 anos, e nos contam casos sobre assombrações antigas. As narrativas desses moradores, em sua maioria de um mundo rural do interior cearense, foram colhidas por meio da metodologia da história oral (Lozano, 2006; Freitas, 2002; Thompson, 1992; Portelli, 1997 e 2016).

Outro conjunto de fontes são de procedência portuguesa, fruto da oralidade, em sua maior parte, e também de recolha documental. Essas fontes perpassam toda uma Portugal assombrada cujas narrativas nos levam a adentrar medos e crenças entranhados na cultura do povo português. As narrativas fazem parte de um trabalho de recolha por parte da pesquisadora Vanessa Fidalgo e estão compilados e organizados em livro cujo título é *Histórias de um Portugal Assombrado* (2012). Ambas as fontes, portuguesas e cearenses, nos remetem para um século XX e as vezes ao começo do século XXI (no caso das narrativas portuguesas) e nos levam a conhecer modos singulares de interação entre sujeitos e assombrações.

As narrativas sobre almas em residências nos convidam a adentrar casas simples do sertão rural cearense. Pequenas casas de uma época e de um mundo muito mais rural do que é hoje e com menos luminosidade. Aqui as almas e visagens percorrem corredores, quartos, salas e cozinhas. Ora surgem com sua aparência branca, vestidas de branco literalmente, ora não são visíveis sendo que apenas o movimento de um objeto é visto ou escutado. Por vezes, tem-se apenas a visão de um vulto a escorregar por um olhar ligeiro em busca de saber o que estava se passando. Esse é um espaço que tem suas diferenciações com relação ao mundo português. Em Portugal temos, além das casas mais simples, castelos, hotéis, mansões e casas mais luxuosas. Toda uma qualidade de espaços que lembram também os tempos áureos do Reino medieval português e do Império português ultramarino.

O que buscamos ao enveredar por estes espaços assombrados é saber como se configura uma historicidade dos medos, das interações entre sujeitos e assombrações e como o medo é reverberado no mundo dos vivos em termos de crenças. O medo pode ser entendido inicialmente como uma pulsão forte que arrebatava uma pessoa, que a faz desconfiar, que a põe em alerta, que cria uma ansiedade. Pode ser um mecanismo de defesa. O historiador francês Jean Delumeau (2009) afirma que o medo é uma condição provocada por uma situação em que um sujeito sente ser ameaçado, seja concretamente ou imaginariamente. Essa configuração nos faz perceber como o medo tem uma conotação histórica e como ele pode ser experienciado de diversas formas. O medo das assombrações será ressaltado não apenas pela interação entre uma pessoa com uma assombração, mas também pelo lugar onde essa interação ocorre ou pela ambientação noturna do local.

Medos, assombrações e crenças estão interligados e convergem para um ponto comum: o humano. Por vezes muitos locais não são sequer assombrados sem que haja um contato humano, um movimento, uma tensão entre sujeito e assombração. Veremos isso principalmente nas narrativas cearenses, pois nelas as assombrações surgem muito mais de surpresa. Aqui os sujeitos não pareciam saber que um determinado local seria ou era conhecido por ser assombrado.

Nessas narrativas veremos os espaços e os lugares serem praticados com um propósito, com uma intencionalidade, mas com o surgimento da alma/visagem os lugares adquirem

outras configurações, uma outra historicidade. Pensar os lugares como circunscrições dentro de um espaço um pouco mais amplo nos leva a perceber o micro como uma reelaboração para entender as interações entre sujeitos e assombrações. Aqui o espaço quanto zona de movimento abarca lugares, práticas e sentidos diferentes quando uma assombração se faz sentir. Pensar o lugar e o espaço enquanto zona de ação para os sujeitos pode nos levar a entender melhor o que é uma residência assombrada como uma categoria que se encontra em várias temporalidades históricas (Certeau, 1998; Tuan, 1983).

Veremos que as narrativas portuguesas são diferentes das cearenses em alguns aspectos. Muitas assombrações portuguesas têm nomes de gente conhecida, são locais previamente assombrados e quem se aventura a adentrá-los sabe que corre o risco de se deparar com uma alma de além-mundo. Seriam medos mais antigos e que estão enraizados na cultura do povo? Fantasmas de uma época medieval e imperial que assolam lugares já bastante conhecidos pelo povo português.² Seria isso que faz com que os lugares assombrados se fixem em uma memória coletiva e assim sejam lembrados como lugares amedrontadores desde há muito tempo? Talvez tudo isso um pouco. E ainda assim essa paisagem de assombrações nos leva a recorrer a um modo operatório de análise que possibilita conhecer melhor os contextos distantes espacialmente, ainda que contemporâneos entre si.

Como prática metodológica serão aliadas duas abordagens: por um lado a micro-história, com sua perspectiva de microanálise e por outro a história cruzada, com sua proposta de comparação, como passo a especificar. A convergência dessas duas metodologias irá nos propiciar um conjunto de procedimentos entrelaçados que contribuirão para um aprofundamento sobre os medos, as crenças e o imaginário das assombrações cearense e portuguesa. O imaginário é formado por símbolos, práticas, representações, crenças e toda uma qualidade de sentidos que são conferidos pelas percepções e emoções dos sujeitos. Aqui as narrativas estão incrustadas de sentidos simbólicos, de mistérios escondidos que remontam a uma historicidade antiga. Nesse sentido, o imaginário é um ausente aparente que tentamos desvendar. Faz parte da imaginação e também da memória das pessoas, pois “enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um ‘outro’ ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente” (Pesavento, 1995, p. 15).

O imaginário das almas que aparecem em residências traz consigo formas diferentes de sentirmos suas presenças nos espaços em que surgem. Ainda assim, o que nos importa para esta análise é a reação, a crença presente nos relatos das pessoas entrevistadas e suas narrativas marcadas por um contato que pode ser estranho, inesperado, aleatório, entre sujeito e assombração. Atravessado por esses aspectos, as narrativas nos fornecem pensar o imaginário como parte de “uma representação que faz *aparecer* um sentido secreto, é a epifania de um mistério” (Durand, 2000, p. 12). Desvendar a historicidade desse imaginário é propor remodelar um caminho de análise e de operação historiográfica.

² Aqui, o uso da nomeação “fantasma” carrega o mesmo sentido do de alma encontrado nas narrativas orais cearenses, por exemplo. A questão é que as formas de nomear, conforme os usos que aparecem nas narrativas portuguesas, também são comuns para designar o fantasma como a aparição de uma alma, o mesmo vale para a alma que se refere ao fantasma de uma pessoa que morreu. Os termos são tratados aqui como equivalentes.

Desse modo, a abordagem da micro-história, como bem define o historiador italiano Giovanni Levi (1992, 2020), busca uma redução de escala como forma de se deter em detalhes e traços aparentemente anômalos ou pouco dados a ver facilmente nas fontes. Exercer essa postura de análise nos remete a pensar que “a História é a ciência das perguntas gerais, mas das respostas locais. Não podemos imaginar uma generalização em História que seja válida” (Levi, 2014, p. 1). Essa é a proposta de Levi como forma de produzir um estudo de caráter micro-histórico. Perceber que o local (o micro) tem capacidade de produzir uma resposta válida e profunda. A historicidade sobre assombrações, medos e crenças presentes nas narrativas serão essa resposta conduzida por uma escrita histórica.

A micro-história tem esse atributo e estilo de se meter por entre os *gaps* das fontes, sobre o que não é explícito ou dado a ver facilmente. É também aquilo que o historiador francês Jacques Revel (1998) chamou de “traços finos”. Para Revel (2000), é com uma visão a rés do chão que a micro-história busca escrever-se. Quando pensamos nas assombrações, o que veremos é a agência dos sujeitos, suas ações com os assombros, o palmilhar de passos, o contato de olhos em interação pelos espaços e lugares. Ainda assim, a micro-história nos leva, com sua redução de escala, a pensar como ações, práticas, espaços, lugares, medos e interações entre sujeitos e assombrações podem ser mobilizados nos momentos da análise. É o modo como mobilizamos determinados detalhes nas fontes que conduz a micro-história a ser uma ciência experimental. Experimental tanto na forma de jogar um olhar microscópico na fonte que possibilite ler e analisar o que não parece óbvio ou o que é turvo para uma outra escala (macro). Esse caráter de experimento levará nosso estudo a se entrelaçar com outra prática metodológica: a comparação (Levi, 1992, 2020; Ginzburg; Poni, 1989; Simon, 2009).

Aqui não estamos falando de comparatismo histórico das análises, a fim de elaborar uma historicização do objeto de estudo. É mais a comparação como uma metodologia que incide sobre as fontes. Se o comparatismo histórico ajuda a conduzir uma historicidade para a escrita histórica, a comparação por meio do método da história cruzada contribui para remontar a fonte, reelaborar novas formas e usos para o que a fonte pode significar quando realizamos um cruzamento. Assim, a comparação via metodologia da história cruzada

permite apreender fenômenos inéditos a partir de quadros renovados de análise. Assim fazendo, ela fornece a ocasião de sondar, por um viés particular, questões gerais como escalas, categorias de análise, relação entre sincronia e diacronia, regimes de historicidade e da reflexividade. Enfim, ela coloca o problema de sua própria historicidade a partir de um triplo procedimento de historicização: do objeto, das categorias de análise e das relações entre o pesquisador e o objeto (Werner; Zimmermann, 2012, p. 90).

Esse quadro renovado é justamente a relação entrelaçada entre a prática metodológica da história cruzada e da micro-história com fontes pouco usuais (narrativas sobre assombrações). É este tipo de procedimento analítico experimental que queremos propor. Uma micro-história comparativa que incide sobre fontes que não fazem parte de uma ortodoxia das pesquisas micro-históricas mais usuais (Ginzburg, 2013; Simon, 2009). Nesse sentido,

o cruzamento nunca se apresenta como um 'já dado ali' que bastaria identificar e registrar. Ele requer um observador ativo para construí-lo, e é num movimento de ida e volta entre o pesquisador e seu objeto que se desenham conjuntamente as dimensões empíricas e reflexivas da história cruzada (Werner; Zimmermann, 2012, p. 97-98).

A comparação será elaborada entre as narrativas, cruzando-se não somente os tipos de assombrações, mas suas formas de aparição, as crenças, os espaços praticados, as interações e as sensações de medo. Desse modo, um contexto permeado por uma historicidade se fará presente em termos de escrita histórica, uma contextualização que nos fornecerá compreender o que é essa configuração da crença nas assombrações por meio de narrativas orais.

A noite, o medo e as casas assombradas

Casas assombradas ganham esse codinome muito por já serem conhecidas por habitar ou receber quase de forma aleatória e sorrateira alguma assombração. E é, por vezes, no período da noite que uma presença estranha pode ser sentida, um suspense de que algo pode acontecer. Uma pessoa que se depara visualmente ou não com algo que considera assombroso desperta em si emoções repentinas, uma bolha de sensações, como um véu de impressões que a reveste. Nesse instante pode até não ser percebido pelo próprio sujeito, mas uma crença e um medo estão presentes com uma historicidade. Sentir medo ou deixar de sentir não ocorre por acaso quando uma assombração aparece. As sensações que atravessam as pessoas estão permeadas por uma historicidade, mais antiga e cheia de camadas do que podemos imaginar (Delumeau, 2009; Tuan, 2005).

Quando os sujeitos parecem cientes do que está por vir, o medo, olhado de fora por um observador, pode até não ser percebido e as vezes parece até não existir pela sutileza como ele surge e exala no ambiente. O que dizer, a título de comparação, de um aparecimento de alma na região da Israel antiga em uma casa à noite. O tal espírito surgiu de forma bem repentina querendo transmitir uma mensagem. A alma de um morto adentra as dependências de uma casa onde estão Saul, seus servidores e uma mulher da região de En-Dor. Aqui somente com a presença da aparição o medo se torna iminente, junto com uma mensagem de um prognóstico futuro e sombrio (Silva, 2012).

Esse tipo de aparição repentina buscando contato com um vivo será o precursor do que veremos em outros tempos quando uma alma busca consolo e ajuda para encontrar sua paz em um além-mundo. Serão almas que querem um descanso após à morte, mas que ainda tem algo a solicitar aos vivos, assim como essa entidade que apareceu para Saul, a mulher e os servidores. A aparição é quase um ser vivo em busca de favores. Aparecimento de alma à noite como esse, também se fez presente em uma cidade vizinha à Limoeiro do Norte-CE.³

³ O município de Limoeiro do Norte está localizado na Região do Vale do Jaguaribe, a aproximadamente 200 km da Capital Fortaleza. Sua população é em torno de 59.560 pessoas, segundo o último censo do IBGE. cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/limoeiro-do-norte.

José Luiz da Silva⁴ contou que em meados dos anos 1960 trabalhava como músico junto com o irmão e uns amigos. Eles haviam passado algumas noites sem dormir, por causa do trabalho noturno, quando foram pernoitar em uma casa antes de tocar em uma festa de casamento que haveria no dia seguinte. José Luiz disse que “passava três noite de sono, num durmia de dia né? Aí nesse já com três noite de sono, três noite sem dormir aí armarrô a rede pra nois numa casinha assim, aí fumo dormi”⁵. Afirmou ainda que “quando eu ia cochilando [dormindo] a coisa balançou, a rede balançou, aí meu Deus o que é isso?”. Nesse instante, José Luiz tomou um susto com algo inesperado em um momento de aparente tranquilidade.

Ele foi tomado por uma visão assustadora: “aí vi o vulto, vulto todo de branco, mas dessa altura assim [bem alto] do chão, daqui pra cima [levitando] aí sentei na rede, aí aquando baxei o pé aqui pra butar nos sapato, aí que voltei olhando pra... pra visagem que tava vendo, sumiu”. Perante uma situação incomum, José Luiz já muito assombrado com o que vira, levantou-se e tentou acordar sem sucesso seus amigos, que não viram nada e que estavam conseguindo dormir. Ele então saiu da casa e encontrou outros homens que estavam despelandando um porco para a festa de casamento a alguns metros de distância da residência.

Ao se aproximar, perguntou a um deles: “rapaz, me diga uma coisa, nessa casinha aí do meio aí [a casa onde ele estava], essa casinha aí morreu gente aí?”. De pronto recebeu a resposta: “morreu. Morreu um rapaz, acharam morto, cum bem dois dia que tinha morrido”. José Luiz conta que essa foi a visagem que ele diz ter visto quando mais jovem. Ele ainda afirmou que “fiquei, fiquei... aquilo era... dizem, dizem a pessoa que luta com esses tipo de coisa né, aquilo era... queria pedir alguma coisa, não sei se isso é verdadeiro nessa história, o caba depois que morre voltar pra pedir alguma coisa a alguém né?”.

Uma situação rápida perante um olhar que se abre e para quem está prestes a “pegar no sono”.⁶ Uma alma em forma de vulto que trespasa o olhar, atormenta o sono, aplica um medo. As almas têm com frequência uma vontade que impõe limites: José Luiz não teve a permissão de descansar. A mensagem da alma não é proferida em palavras, ocorre de forma mais implícita, apenas através do gesto de aparecer no mundo dos vivos. Uma alma que surge com aspecto esbranquiçado, ao que parece, apenas queria ser notada? Talvez o que buscava estivesse entranhado no seu aparecer perante os olhos de um vivo. Não é por acaso que a crença de José Luiz surge no final: a alma queria pedir algo.

Aqui, diferente da situação ocorrida na casa de Saul na antiga Israel, não há uma mensagem de mal agouro, mas sim uma vontade que algo fosse feito pela alma. Apesar de estarmos lidando com um aparecimento de alma no século XX, o fato de a visagem surgir e o sujeito imaginar que ela queria algo nos leva às crenças mais antigas difundidas desde a Idade Média, pois é de lá que as crenças de almas pedintes começam a fazer cada vez mais parte do mundo dos vivos, principalmente de quem era cristão. Por volta do século V Agostinho de

⁴ José Luiz da Silva, 73 anos. Entrevista gravada no dia 03 de junho de 2018. Todas as narrativas foram usadas os nomes verdadeiros dos entrevistados e tiveram a anuência deles para serem usadas em pesquisas futuras.

⁵ Todas as passagens entre aspas são falas diretas dos entrevistados, isso vale para as próximas narrativas também. As narrativas orais produzidas em Limoeiro do Norte serão utilizadas dessa forma: misturando-se fala direta com narração indireta da fonte.

⁶ Expressão usada pela linguagem popular significando que a pessoa pretende ir dormir.

Hipona já levantava questionamentos sobre a aparição de almas no sentido de serem visões que atingem a mente dos vivos. Agostinho afirmava que

essas aparições são consideradas, se não impossíveis, pelo menos excepcionais; eventualmente, não é nem o corpo nem a alma do morto que aparece, mas apenas uma "imagem espiritual" do morto; essas "imagens espirituais" são com muita frequência introduzidas pelos demônios no espírito dos homens, especialmente nos sonhos, durante o sono: é preciso, portanto, desconfiar dos sonhos (Schmitt, 1999, p. 33).

Agostinho categorizava a aparição dos mortos como uma fantasia provocada pelo Diabo, sendo que esse atingia principalmente os sonhos das pessoas. Em outro momento, por intermédio de correspondência com o bispo Evódio, Agostinho irá travar uma disputa sobre o que é essa crença em aparições de um além-mundo no mundo dos vivos. Evódio será categórico sobre as aparições em lugares familiares. Para ele,

as aparições dos mortos não causariam nenhuma dúvida, elas parecem mesmo muito numerosas e teriam por função anunciar acontecimentos futuros, que se realizam efetivamente. "Mais de uma vez" ele ouviu dizer que muitos mortos voltaram, tanto de dia como de noite, às casas que lhes eram familiares (Schmitt, 1999, p. 34).

Aqui vemos como poderia ser comum a anunciação de uma alma para uma casa onde uma pessoa havia habitado até pouco tempo. O lar de uma vida pode se tornar um espaço de retorno para os mortos. Como bem descreve o filósofo francês Gaston Bachelard, "a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz freqüentemente [sic], nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela" (Bachelard, 1978, p. 200). Essa pode ser uma visão da casa tanto para os vivos como para os mortos. Ainda assim a vinda de uma alma para o seu antigo local de morada em vida, pode causar uma surpresa e acabar por ser um evento inesperado. No caso de José Luiz uma dupla surpresa, pois ele não sabia que havia morrido alguém naquela residência.

Muitas vezes o que sabemos sobre os mortos está inscrito apenas na sua forma de aparecer. Voltar para um local onde morou em vida pode significar um sentimento de pertença, uma vinculação ao local, mas essa pode ser uma afirmação turva. A alma surgir no mundo dos vivos e se revelar para o olhar de alguém pode ser também uma forma de pedir. As almas desde finais do século XIII na Idade Média começaram a surgir como penitentes. É na segunda metade desse século que a imagem do Purgatório como um espaço para as almas começa a se constituir nas crenças e no imaginário cristão católico. Um purgatório que revela e resvala sua identificação quando uma alma sai do além-mundo e surge como aparição no mundo dos vivos. Uma alma que quer algo, sendo que é no aparecimento que ela se mostra com a intenção de buscar sufrágios: missas, orações, rezas, esmolas (Le Goff, 2017; Schmitt, 1999).

José Luiz identificou que aquele vulto que surgiu para ele poderia ser coisa de quem morre e volta para pedir. Aqui vemos que pode significar uma mensagem sobre um prognóstico

(como o corrido na casa de Saul nos tempos da Israel antiga). Fosse anunciando um futuro (como falou Evódio) ou em forma de pedido (como no caso de José Luiz), as almas que aparecem no mundo terreno para alguém vivo buscariam, solicitariam, anunciariam. Parecem querer que algo seja feito ou parecem olhar para um futuro. Um futuro que se remete para a alma do morto e seu ato de aparecer no mundo dos vivos.

Algo não muito distante dessa configuração de aparecimento de alma ocorreu em Portugal, especificamente na aldeia de Rio de Moinhos, nas proximidades do rio Tâmega, no distrito de Penafiel, em 2006. Pessoas da região e caseiros da Quinta⁷ da Juncosa, também conhecida como Quinta do Barão das Lages, falaram sobre a aparição do dito barão no local. O motivo do retorno do morto remonta ao período da reconquista (século VIII – XV),⁸ a épocas que o barão passava longos momentos longe de casa nas batalhas pelo reino português. Após um de seus retornos, por acreditar que a esposa o havia traído, ele a mata. “Primeiro, encarcerou-a durante sete longos meses, depois fê-la pagar com a morte a imaginada traição, arrastando-a cruelmente pela quinta presa a um cavalo, tal e qual como fizera antes aos mouros infiéis” (Fidalgo, 2012, p. 125). Mas não parou por aí “descobriu depois o barão, tarde demais, que a mulher estava inocente” (Fidalgo, 2012, p. 125). Notícia essa revestida agora por uma crença na verdade que para o barão não havia antes. Por obter uma certeza tarde demais, o barão “com as mãos irremediavelmente manchadas por sangue inocente e a cabeça afogada em remorsos, matou os filhos com um punhal e, por fim, suicidou-se” (Fidalgo, 2012, p. 125).

Esse fora o motivo que, para a crença local, levou à aparição do barão nas dependências da Quinta. Em uma entrevista concedida ao jornal *Diário de Notícias*, em 2006, os caseiros do local afirmaram que viram certa vez através do espelho da casa um fantasma com um chapéu branco. Em outras ocasiões era a mobília que se arrastava sozinha pela casa ou tonéis de vinho que se arrebentavam. Pelo menos era o que se escutava. Porém, no outro dia as coisas pareciam estar normais e intactas. Nas redondezas da Quinta, as filhas da caseira, Margarida Rosa, falaram que viram uma procissão de luzes nas partes baixas da propriedade, mas sem romeiros. Já “o caseiro, o tal que ali ficou à frente com o reflexo do barão, evita pôr os pés no lugar” (Fidalgo, 2012, p. 126).

São de emoções humanas que as aparições dos mortos são feitas. Um morto que parece se recusar a ir embora. Aqui, a alma vagante pela casa e pela propriedade da Quinta parece estar amaldiçoada pela forma como tirou vidas, incluindo-se a sua própria. A morte violenta parece um vínculo definitivo que remete a alma do morto a ficar e a retornar de um além-mundo? Ou, quem sabe, nem chegou a ir por completo? Assim como na narrativa de José Luiz, aqui é a morte de alguém por assassinato que define o local da aparição. Os espaços assombrados são remodelados pelas ações realizadas em vida. Essa perspectiva de pensar o aparecimento dos mortos não se distânciava muito da representação de um outro tipo de assombração comum no Brasil: o Corpo Seco. Uma aparição que se encontra espalhada pelas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Assim, como a alma da Quinta aparece em seu antigo local de morada e assombra os vivos que hoje moram no local, o Corpo Seco, que também pode

⁷ Quinta é uma propriedade rural com uma casa residencial. No Brasil equivale a um sítio, fazenda ou rancho.

⁸ Vanessa Fidalgo não traz mais detalhes sobre a precisão temporal a que a narrativa sobre o Barão das Lages se refere.

receber a alcunha de não morto ou morto-vivo, pode ser associado a um retornado, uma alma do além-mundo, um fantasma que eleva os medos de pessoas que habitam um local onde ele faz sua aparição (Reis Filho *et al.*, 2021).

Tanto o Corpo Seco como a alma do Barão das Lages são aparições que causam uma ambiguidade quanto sua presença no mundo dos vivos, pois não parece ser possível precisar ao certo que são retornados, ou seja, almas que vêm de um além-mundo para o mundo dos vivos, ou se são almas que nem chegaram ir para o além-mundo: ficaram vinculadas ao antigo local de morada em vida, muito por causa da forma como morreram ou dos pecados que cometeram, sendo então que estão purgando pelas suas ações em vida. De toda forma, ambos os tipos de almas parecem fazer parte de um entremeio, um espaço que faz parte das crenças dos sujeitos e cujo imaginário designa como um local nem totalmente no além-mundo, nem totalmente no mundo terreno. Até porque “no mundo terreno os homens vivem o entremeio e a morte não é considerada somente uma passagem para o outro mundo, mas também um signo temporal da ordem de Deus” (Reis Filho *et al.*, 2021, p. 33).

Dessa maneira, podemos conceber que a alma vinculada a um espaço, também tem uma conotação temporal que recai sobre sua não ida para o além-mundo. Não concluir a passagem é quebrar a cronologia da morte, assim como da vida. Também é interessante pontuar que o fato da alma surgir no mundo terreno não é uma questão que cabe apenas a alma, mas também as pessoas que em vida estão em um local propício para interagir com a assombração e que tem constituído em seu imaginário um arcabouço de crenças sobre a aparição dos mortos. Nesse sentido, é “vivendo esse interstício [o entremeio], [que] os cristãos elaboram sentidos para os tempos dos vivos e dos mortos e articulam, de forma tensa, o passado, o presente e o futuro” (Reis Filho *et al.*, 2021, p. 33-34). Com essa afirmação parece muito mais que são os vivos que articulam os sentidos dos mortos quando eles surgem perante seus olhos ou se fazem escutados pelos espaços onde parecem querer voltar a habitar.

Na Quinta da Juncosa, entre medos e fantasma, ainda se continua a habitar a residência com uma aparente tranquilidade. Na casa que José Luiz iria pernoitar ocorre o mesmo, mas não por ele, pois foram seus amigos e irmão que dormiram tranquilamente. Locais assombrados, não são assombrados o tempo todo e nem para todas as pessoas. A qualidade de sentir o assombramento, o medo, o sentir e ver algo pode ser mais pontual do que se imagina. Ainda assim, essa narrativa sobre o barão não menciona qualquer pedido de reza, mensagem a ser entregue pela alma ou que a simples aparição do barão designaria que a alma está no purgatório, no sentido ressaltado por Le Goff (2017) e Schimitt (1999). Pelo menos as pessoas que moram no local, diferente do que menciona José Luiz, não falaram que a alma precisava de algo.

A sutileza sobre uma alma que precisaria de sufrágios é colocada aqui somente pelo ato da aparição da alma: se aparece é porque está purgando. O seu lugar não é este mundo terreno. Até mesmo as formas de sentir medo são sutis. Os moradores da casa na Quinta relatam ocorrências e interações sobrenaturais, mesmo que de forma não tão direta: ver através de um reflexo no espelho; sons e barulhos estranhos, mas objetos encontrados em seu devido

lugar depois de uma verificação; e luzes observadas pela propriedade. Talvez essa seja a forma da alma manter contato com os vivos para dizer a eles que precisa de algo.

Aqui, diferente do que fala Jean Delumeau (2009), o medo como uma emoção-choque, que surpreende um sujeito fazendo com que sinta um perigo iminente e uma ameaça à vida, não ocorre com tanta intensidade. Os moradores da Quinta ficaram sim incomodados, eles notaram que coisas estranhas aconteceram no local, mas não se sentiram amedrontados, não demonstraram querer sair de um local assombrado. Apenas o caseiro revela um tal desconforto, muito provavelmente porque foi a pessoa que teve o contato mais direto com a aparição. Ele parece ser o único a sentir o medo de uma forma diferente comparado a sua família. Aqui a “insegurança é símbolo de morte, e a segurança símbolo da vida” (Delumeau, 2009, p. 23).

Por não se sentir mais tão seguro, a vontade do caseiro é de não se aproximar da casa. Um desconforto que trespasa a mente e o corpo, um desejo de não habitar o que antes era seguro e agora se torna um espaço ameaçador. Aqui o medo que a aparição do barão parece impor pode ser diferente do medo que o caseiro sente. Duas qualidades de medo entrelaçadas nas formas de habitar um local. A alma pode muito bem não querer moradores, pois se vê desapropriada de seu espaço. Ao ocuparem os espaços da casa, os vivos praticam uma vida que a aparição não pode. O desejo da alma é limitar, fazer sair, assustar com o intuito de expulsar. Já o medo sentido pelo caseiro ocorre como mecanismo de defesa. Nesse sentido, “o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza [humana], é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte” (Delumeau, 2009, p. 23-24).

Ambos os medos são noturnos, estão embrenhados na noite onde a aparição da alma se faz presente. Não é por acaso que “fantasmas, tempestades, lobos e malefícios tinham muitas vezes a noite por cúmplice. Esta, em muitos medos de outrora, entrava como componente considerável. Era o lugar onde os inimigos do homem tramavam sua perda, no físico e no moral” (Delumeau, 2009, p. 138). Aqui a noite é tomada como momento propício para o surgimento de seres de um além-mundo, é um momento mais do sobrenatural do que do natural, mais dos mortos do que dos vivos.

O folclorista brasileiro Câmara Cascudo afirmou que “como em qualquer parte do mundo, durante a noite, aparecem os fantasmas, almas do outro mundo, luzes espantosas, gritos, gemidos, tesouros enterrados, penitências estranhas, animais fabulosos, todo o cortejo apavorante, que vive nas trevas da noite” (Cascudo, 1999, p. 615). Qualquer semelhança não é mera coincidência, pois a historicidade dos medos brasileiros resguarda traços culturais comuns com os encontrados em Portugal. Luzes que pareciam cumprir penitência em procissão foram vistas pelas filhas dos caseiros da Quinta da Juncosa. Aqui as almas em forma de luz ou emitindo luz são almas penitentes que buscam por sufrágios e os vivos são os seres a quem essas almas pedem ajuda.

Como afirma o historiador francês Jean-Claude Schmitt (1999) desde o início da Idade Média, por volta do séc. V, que as almas já eram mencionadas sendo vistas como corpos luminosos. Quem testemunhou tão ocorrência foi “um padre muito santo que viu uma multidão de mortos saindo do batistério com corpos luminosos” (Schmitt, 1999, p. 34). Essa declaração

é citada pelo bispo Evódio, o mesmo já mencionado anteriormente em correspondência com Agostinho de Hipona.

O medo da escuridão como viemos mostrando até aqui resvala nas casas. Essas podem ser apresentadas como locais de proteção contra o mundo natural, mas não impedem que presenças e vontades de um além-mundo emergjam em suas dependências. Mesmo assim, o casal de caseiros e suas filhas parecem não ter sentido um medo extremo aos se defrontarem com entidades, almas e a presença de aparições. Eles descrevem essas ocorrências como parte de um cotidiano. Se o medo não foi preponderante em uma casa como essa que habitou ações e interações entre vivos e mortos, não podemos dizer o mesmo de outros locais pelo Brasil afora. Em Recife, no Estado de Pernambuco, na primeira metade do século XX, por exemplo, uma tal família Ramos mudou-se para o sobrado nº 29, na rua São José. Diziam os moradores da comunidade que uma senhora de idade avançada havia sido assassinada no dito sobrado, especificamente no primeiro andar. Os antigos moradores do local falavam que

nele apareciam vultos a todo instante. Uns entravam nos quartos. Outros encaminhavam-se para a cozinha. Eram esses fantasmas mansos vistos durante o dia: principalmente à tarde. À noite, porém, as assombrações tornavam-se ruídos de louças que mãos misteriosas jogavam sobre o soalho, arrastar de cadeiras, móveis que caíam com estrondo (Freyre, 1987, p. 163).

Caso não muito diferente do que ocorreu na casa residencial na Quinta da Juncosa em termos de sons e barulhos escutados. A frequência do contato e interação das aparições demonstra a voracidade de não querer inquilinos no local. Novamente encontramos a menção à morte violenta como um mal agouro para a aparição de assombrações em casas. Nesse caso, esse mal agouro parece ser o principal traço comum entre as narrativas de José Luiz e dos caseiros da Quinta. São almas que persistiriam em ficar na casa como se desejassem causar dor por meio do medo, pânico por intermédio de um susto e ansiedade com um suspense que paira no local onde os vivos não sabem quando será a próxima ação da assombração.

A questão da má morte presente nos relatos aqui citados como uma condição para a aparição de uma assombração já era ressaltada como parte da crença das camadas populares, desde o contexto do Império Romano. "Tertuliano, por exemplo, afirmara que vítimas de morte prematura ou violenta deveriam vagar sobre a terra pelos anos que deveriam ter vivido. Acreditava-se que a morte por assassinato, acidente ou suicídio produziria inevitavelmente um espectro" (Reis Filho *et al.*, 2021, p. 42-43).

Esse tipo de aparição por má morte não é uma crença aleatória. O historiador e filólogo francês Claude Lecouteux (1999) também menciona o aparecimento de assombrações que sofreram ou causaram morte violenta desde a Roma antiga. Esse tipo de crença que vai resvalar na religiosidade cristã católica deixará um registro indigesto para os mortos, pois "os maus mortos, e especialmente os criminosos, são excluídos da cidade dos mortos" (Lecouteux, 1999, p. 27, tradução nossa) como forma de punição de seus atos em vida. Lecouteux afirma que "essas crenças são encontradas em todos os povos indo-europeus: uma morte anormal inevitavelmente traz perambulações e assombrações" (Lecouteux, 1999, p. 27, tradução nossa).

Uma visão que se enraizou e se difundiu na crença cristã católica na qual ainda vemos esses mortos reverberarem por residências tornando-as assombradas.

Outra situação sobre almas que surgem em residências, como as narradas por José Luiz, a da Quinta da Juncosa e a descrita por Freyre, mas com traços diferentes a esses se passou no município de Porteiras-CE, onde almas do além-mundo apareciam noite adentro na cozinha de uma casa. Os moradores da casa diziam que ouviam café sendo feito, sendo que nenhum dos moradores estava acordado fazendo café. Diziam ainda que o melhor seria deixar fazer, não se importar com essas ações por parte das assombrações, como bem afirma o historiador cearense Cícero Joaquim dos Santos (2017). Aqui as assombrações são tidas como parte de um cotidiano, em certo sentido, análogo ao que fora vivenciado na Quinta da Juncosa, onde a aparição do barão também era aceita como parte dos rebuliços da residência.

Entre visão e barulhos percebemos que as almas parecem querer ser notadas a todo custo, querendo se sentir pertencentes ao mundo terreno por meio das emoções dos vivos. São as crenças dos sujeitos que parecem fortalecer a estadia das aparições. Um caso curioso nesse sentido ocorreu em Limoeiro do Norte-CE. Nesta narrativa a proeminência é sobre os barulhos proferidos pelas almas. Por vezes, parece ser os sons estranhos que levam as pessoas a notarem algo incomum e associarem que o que está a se apresentar pelo barulho é algo de um além-mundo. Em alguns casos parecem ser sons forasteiros que surgem sem um sinal explícito, sem que alguém espere.

Um caso assim correu por volta de 1957 com a mãe de Maria Rosália Mendes Gomes.⁹ Segundo esta, sua mãe estava cuidando dela, de sua irmã mais nova e de outra criança adormecida na casa onde residiam. “A casa, a casa que mãe morou, uma casa vea [velha] antiga, tinha morrido um orrô [muita] de gente lá na casa né?”. A mãe de Rosália estava na cozinha quando ouviu um barulho incomum ecoar do quarto. Quando estava “saindo da cozinha pro corredor ouviu aquele gemido bem grande saindo do quarto pra porta de fora. Tinha uma porta aqui e uma porta pra sair pra sala, aí aquele gemido bem forte, aí ela pegou eu nos braço e Mariazinha¹⁰ e fez carreira”.

A situação de susto e o som vindo do quarto fizeram a mãe de Rosália nem sequer pensar em entrar no cômodo, deixando assim a outra criança aos cuidados do gemido. O medo foi tanto que “abriu a porta de fora e deixou o menino dormindo, aí pediu a um homem pra ir buscar o bixim [a criança]”. Horas mais tarde depois do pai de Rosália voltar do trabalho a mãe de Rosália contou o ocorrido. Para ele, “isso é besteira, é ilusão”, mas conta Rosália que naquela casa já havia morrido a bisavó dela, “tinha morrido um orrô de gente”. Ainda assim, depois de tamanho susto a mãe de Rosália não podia se recusar a ficar morando na casa, pois era seu único lar.

Entretanto, Rosália afirma que depois desse dia sua mãe não voltou a escutar gemidos estranhos pela casa: “aí pronto depois disso não ouviu mais nada”, mas o que foi escutado parecia um som grave, “era assim: eeennnnrrr! É aquele gemido de gente sofrendo, sofrendo

⁹ Maria Rosália Mendes Gomes, 61 anos, entrevista gravada dia 03 de junho de 2018. Nome da entrevistada é fidedigno e foi autorizado seu uso.

¹⁰ A irmã mais nova de Rosália.

um orrô, sai assim, aquele gemido quando tá sofrendo um orrô, aí saiu aquele gemido medoim [medonho]. Aí pronto só ouviu essa vez”.

Sons que anunciam um morto, um habitante indesejável, por mais que seja momentâneo. Aqui o silêncio em sua tranquilidade é rompido, e é esse rompimento que causa o medo. Diferente das narrativas anteriores, não é somente em um ambiente noturno que o medo se instala ou faz atingir a mente e o corpo de um habitante de uma casa. A quebra abrupta do costumeiro, do comum, faz com que o silêncio seja o principal artífice, o principal componente do susto, do temor. É uma ansiedade ou um sinal de alerta que surge na pessoa e a faz fugir. Ficar é prolongar o medo, é cogitar, imaginar que algo pode ser visto além de escutado ou, quem sabe, ser escutado outra vez. O que se deseja é não ouvir mais e a fuga é o meio para isso, é o principal componente de defesa.

Como ressalta o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (2005), ao analisar as sensações de medo que podem adentrar e se instalar em uma pessoa, o medo

é um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação. Comumente acontece quando um animal está em um ambiente estranho e desorientador, longe de seu território, dos objetos e figuras conhecidas que lhe dão apoio. A ansiedade é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo. A necessidade de agir é refreada pela ausência de qualquer ameaça (Tuan, 2005, p. 11).

Com a mãe de Rosália o sinal de alarme a atingiu de forma impactante. O medo fora tamanho que o susto pelo gemido a pôs a correr para o mais longe da casa. O barulho assombroso que não é escutado por alguém não causa qualquer medo, senão, o homem a quem a mãe de Rosália pediu para pegar a outra criança poderia não ter adentrado a casa, pois o relato ouvido por ele poderia ser muito bem o suficiente para deixá-lo amedrontado. O medo, assim como nas narrativas de José Luiz e na dos caseiros da Quinta da Juncosa, não foi sentido do mesmo modo por todos. Os que experienciam situações assombrosas são tomados pelo terror. Os que só ouviram ou não tiveram um contato tão direto com uma aparição ou barulho assombroso agem nos espaços de forma mais corriqueira, como se a aparição nem lá estivesse.

O medo como emoção talvez seja mais subjetivo do que objetivo. Ele pode penetrar espaços e lugares, mas só se estabelece quando tem alguém para senti-lo ou alguém que escuta o relato e acredita no que foi narrado. É pela crença que o medo se torna preponderante nos locais. Não é à toa que “a imaginação aumenta imensuravelmente os tipos e intensidade de medo no mundo dos homens” (Tuan, 2005, p. 12). A imaginação leva a configurar uma crença sobre o que são as assombrações que assolam a vida dos vivos. A imaginação é um intensificador dos modos de sentir medo e de praticar determinadas ações nos espaços. É por isso que podemos concordar com Tuan (2005) quando diz que “se tivermos menos imaginação

nos sentiremos mais seguros” (Tuan, 2005, p. 12). Nos casos até aqui analisados a fuga do local por parte de José Luiz, do caseiro da Quinta e da mãe de Rosália foram as formas de buscar segurança e tentar lidar com uma situação repentina de medo e susto.

Outros casos que trazem práticas e formas análogas das aparições emitirem barulhos aconteceram em Lisboa. Correm histórias que no Palácio do Beau Séjour, localizado na Freguesia de São Domingos de Benfica, barulhos assombrosos foram escutados por quem já andou pelo local tarde da noite. Nas dependências do edifício funciona o Gabinete de Estudos Olisiponenses, local de trabalho de Ângela Beato, que é funcionária há 26 anos. Ela confidência que documentos e *dossiers* mudavam de lugar sem que alguém tivesse a possibilidade de entrar no palácio, pois o local ficava trancado e solitário durante à noite. Outras vezes, os arquivos desapareciam e tempos depois de realizar-se muita procura voltavam para o local de origem. Em outros momentos equipes de trabalhadores faziam serões à noite por causa da demanda para organizar a vasta documentação, e em várias ocasiões foram escutados ruídos, sons e ecos, os quais as pessoas não sabiam explicar e associaram ao fantasma do Barão da Glória (Fidalgo, 2012).

Já ao Sul de Portugal, mais especificamente em um bairro de pescadores no Algarve, a presença de uma assombração foi sentida por residentes de uma casa que havia sido construída por um pescador local como habitação para sua família. Dizem que na hora da morte o único desejo do velho pescador era que a casa não fosse vendida. Anos mais tarde foi exatamente o que ocorreu. Por volta dos anos 1960, os seis filhos do pescador venderam e dividiram o dinheiro entre si. O comprador, João Matos e Silva, passou muitas férias no local e afirmou que algo intrigante ocorreu certa vez quando estava recebendo um grupo de amigos. Segundo ele, havia no interior de um dos quartos um pequeno banheiro cuja porta só podia ser fechada por dentro. Lá pelas tantas da noite o grupo de amigos ouviu um barulho vindo da direção do quarto e do banheiro, o grupo imaginou que poderia ser devido ao uso de uma das crianças, porém, depois de passado um tempo, alguém foi tentar usar o local e o que encontrou foi a porta trancada. O espanto e a estranheza tomaram conta dos donos da residência e dos convidados, pois não havia como sair do lugar por outra entrada. Na época, a imaginação os fez conjecturarem ter sido uma assombração, mas a situação ficou sem uma justificção (Fidalgo, 2012).

Anos depois, por volta de 1974, época da Revolução dos Cravos, disseram que a casa não foi ocupada por revolucionários porque era conhecida por ser assombrada. Em outra ocasião, a residência foi alugada para duas espanholas, mas as mulheres não passaram muito tempo ali, pois começaram a não se sentir bem por estarem residindo no local. Em momento posterior, algumas pessoas estavam de passagem e resolveram pernoitar na casa, não permaneceram a noite completa por sentirem a presença de “alguma coisa” nas dependências do local (Fidalgo, 2012).

Em ambas as narrativas, a do palácio Beau Séjour e a da casa do pescador, temos situações em que sujeitos não visualizaram uma assombração. No palácio, sons eram escutados sem que houvesse uma justificativa para os mesmos, já na casa do antigo pescador, quando não era uma porta sendo trancada misteriosamente, era uma presença que incomodava o suficiente

para causar desconforto em quem ali desejava fincar seus pés, por mais momentâneo que pudesse ser a estada. As almas, assim como nos casos analisados anteriormente nas narrativas de José Luiz, dos caseiros e de Rosália, pareciam não desejar e nem querer admitir que os vivos residissem tranquilamente no local. Seja por morte violenta, como nas narrativas de José Luiz e dos caseiros da Quinta, ou por um desejo não atendido, como ocorrera na narrativa sobre a casa do pescador, o infortúnio da assombração era presença marcante para alguém que se dispusesse a tentar habitar uma residência.

A situação ocorrida na casa do pescador, na qual a aparição, mesmo não visível, surgiu como causadora de ações inexplicáveis, não me parece tão distante de outros contextos assombrosos por Portugal. Segundo a crença em Trás-os-Montes, no Norte de Portugal, os trasgos são um desses tipos de assombração encontrados nas casas.

Na tradição oral de algumas aldeias transmontanas é, ainda hoje, referenciada a figura dos trasgos, uma espécie de espíritos caseiros, invisíveis a maioria das vezes e, quando não, apresentam-se de pequena estatura e envergando um gorro vermelho e restantes vestes da mesma cor (Correia, 2005, p. 58).

Aqui, o caráter não visível do trasgo surge como um traço comum com relação à forma da aparição na casa do antigo pescador onde amigos e outros sujeitos tentaram habitar. Mas não para por aí, pois esses trasgos têm por intenção muitas vezes causar “sustos no interior das casas, sobretudo de noite” (Correia, 2005, p. 59). Apesar da nomenclatura cujo termo trasgo talvez faça lembrar mais um ser monstruoso do que um espírito vagante que habita uma casa, o que vemos no imaginário português é uma semelhança com o que aqui denominamos como sendo uma aparição: aparição da alma (não visível) de alguém que morreu e retorna para assombrar o mundo dos vivos. De acordo

com as velhas crenças religiosas, os trasgos são meninos que morreram sem ser batizados e cujo “espírito” regressa, tempos depois, às casas onde viveram, ou então para junto de antigos familiares. São por isso pequenas almas penadas, que, pela sua natureza, não têm lugar no céu, nem no inferno (Correia, 2005, p. 60).

Vemos que de norte a sul de Portugal as almas dos mortos, sejam de criança (trasgo), de alma invisível ou uma presença que não se fez visível (como ocorreu na casa do antigo pescador), costumam ter como lugar de aparição sua antiga morada. O vínculo com a antiga habitação é outro traço comum dessas aparições que retornam, fazendo a viagem de volta de um além-mundo para o mundo dos vivos, tanto no Ceará como em Portugal. Esse tipo de vinculação também é análogo em outras culturas do mapa europeu, tanto na Europa Ocidental com Oriental. Lecouteux (2013) menciona uma variedade de casos sobre espíritos domésticos, ou seja, retornados, almas de pessoas que podem se fazer presentes em seu antigo local de morada. Podem aparecer em locais específicos, como próximo a lareiras, portas, fornos ou nos cantos das casas. Por exemplo, “na Rússia, as almas de crianças não batizadas moram no forno” (Lecouteux, 2013, p. 70).

Um dos equivalentes na cultura cearense para esse tipo de aparição é a Criança Pagã. No Ceará, o historiador Wellington Gomes Filho (2023), fala que essas aparições de almas ocorrem pelo fato da criança ter morrido sem ter passado pelo rito de batismo em vida. Nesse caso cearense, uma referida alma não foi sentida em uma residência, mas em uma estrada, o que corrobora para percebermos a variedade de locais de aparição desse tipo de assombração. Porém, em Recife-PE, por volta da década de 1980, uma moradora local, Cristina, ressaltou que alguns amigos viram a alma de uma criança andando pela sua casa. Uma senhora idosa e amiga dela recomendou a mesma que orações e missas fosse realizada em nome da alma da criança, mesmo que a aparição não causasse um medo aparente em quem residia na casa, conforme bem afirma a antropóloga Bárbara de Araújo (2009). Aqui vemos como a crença na presença dos mortos se faz intimamente em locais onde a vida dos vivos parece ativar a presença de uma alma.

As antigas residências de um vivo talvez sejam o último reduto de consolação para essas almas que aparecem e com elas trazem um medo, um mistério, um algo que às vezes pode ser inexplicável para muitos. Podemos dizer que os medos sentidos são

os medos [que] iam mais para o aparecimento de almas penadas, que nas próprias casas à meia noite faziam barulhos e faziam dançar as coisas sem atacarem as pessoas. Casa por alugar num povo marítimo que tivesse fama de medos ninguém a alugava e ficava abandonada. Diziam que estava assombrada (Vaz como citado em Nova, 2012, p. 91).

É possível que a casa do pescador não tenha voltado a ser alugada ou procurada depois de ser conhecida por estar assombrada. Ainda assim, percebemos um outro traço que emerge entre as narrativas cearense e portuguesas: o ato de a alma estar em penitência. Se as narrativas cearenses falam em alma que pena, as portuguesas não mencionam nada a respeito. José Luiz foi enfático ao conjecturar que a aparição do vulto era coisa de alma que estava penando. Na narrativa de Rosália, sua mãe falara em um gemido de dor, o que nos leva crer em uma alma que estaria no Purgatório.

Já as narrativas portuguesas descrevem um contato entre sujeitos e assombração sem fazer qualquer alusão a traços que lembrem uma alma a penar. As almas surgem e executam ações, proferem seus sons, rompem o silêncio com seus barulhos e movimentos que causam estranhamento e exalam seu medo. Nas narrativas portuguesas a alma como penitente só é notada pela sua própria condição de aparecer no mundo dos vivos, parecendo uma alma que não se foi totalmente do mundo terreno, uma alma que não veio de um além-mundo, mas sim que sempre esteve à espreita, esperando o momento certo de se revelar com algum movimento sorrateiro.

Conclusão

As casas assombradas, como vimos até aqui, resguardam medo antigos, sustos que tomavam as pessoas. De repente sentia-se que algo incomum estava a acontecer e é no inexplicável que o imaginário sobre as assombrações se fazia presente. Os sujeitos remeteram



os sentidos dos lugares e dos espaços conforme suas próprias crenças, ativando um lugar antes normal ou aparentemente normal, quando se depararam com algum evento que consideraram ser de um além-mundo. Ao se apresentar, a assombração resvalava seus sentidos e intenções na forma como aparecia e na consequente interação com os vivos. Às vezes, até parecia que ela só passaria a existir se algum vivo estivesse no local. Eis o mistério da sua ativação e da sua condição de surgir e impor um medo àqueles capazes de sentir, àqueles que tinham o mérito de estar vivos.

A análise aqui realizada sobre a aparição de assombrações por espaços, lugares e tempos nos propôs entender como as residências podem ser o palco frequente das almas visíveis, não visíveis ou invisíveis. Dentre as formas de ocorrência de aparição e o porquê do retorno do morto, viu-se que uma morte violenta ou um desejo não realizado poderiam ser motivos do retorno do falecido ao mundo dos vivos. Também foi observado que os silêncios interrompidos resguardaram medos intensos, temores que metiam em fuga quase todos que se defrontavam com barulhos assombrosos, mas ainda havia aqueles que se recusavam a fugir ou sequer tinham escolha de tal ação, pois abandonar um lar poderia significar uma derrota em relação ao ato de resistir ao medo e convivência, mesmo que desconfortável, com uma aparição de além-mundo.

Aqui sentimos como os lugares são praticados, os espaços movimentados e as interações entre sujeitos e assombrações são remodeladas quando engolfadas por medos de assombrações de outro mundo. São as assombrações pareciam precisar de emoções humanas para reverberar pelo mundo dos vivos emitindo suas intensidades. Talvez sem a presença de humanos, qualquer espaço ou lugar não deixaria de ter o caráter exclusivamente normal. Nesse tipo de lugar, muitas vezes, o que se designava como casa assombrada não ganhava sua fama, não se tornava um lugar onde o medo estivesse previamente entranhado nas paredes. Lembremos: antes de ser espaço de assombração, um espaço precisaria ser humanamente natural. Antes de receber uma aparição os sujeitos teriam que lá viver e configurá-lo como um local com suas crenças e imaginário.

Referências Bibliográficas

- Araújo, B. L. de. (2009). *A cidade e o medo: como as histórias de assombração falam sobre o Recife*. [Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco].
- Bachelard, G. (1978). *A Filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Abril Cultural. Coleção Os Pensadores.
- Bonvini, E. (2006). Textos Orais e Textura Oral. In S. Queiroz (Org.) *A Tradição Oral* (pp. 7-11). FALE/UFGM.
- Cascudo, L. da C. (1999). *Dicionário do folclore brasileiro*. Ediouro.
- Cascudo, L. da C. (2012). *Geografia dos mitos brasileiros*. Global.
- Certeau, M. de. (1998). *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Editora Vozes.

- Correia, A. J. P. (2005). *Mouros míticos em Trás-os-Montes: contributos para um estudo dos mouros no imaginário rural a partir de textos da literatura popular de tradição oral* [Tese de Doutorado em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro].
- Delumeau, J. (2009). *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Companhia de Bolso.
- Durand, G. (2000). *A imaginação simbólica*. Edições 70.
- Fidalgo, V. (2012). *Histórias de um Portugal Assombrado*. A Esfera dos Livros.
- Freitas, S. M. de. (2002). *História Oral: possibilidades e procedimentos*. USP.
- Freyre, G. (1987). *Assombrações do Recife velho*. Record.
- Ginzburg, C.; Poni, C. (1989). O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In C. Ginzburg; E. Castelnovo & C. Poni (Org.). *A Micro-história e outros ensaios*. (pp-169-178). Difel.
- Ginzburg, C. (2013, março). Our Words, and Theirs: a reflection on the historian's craft, today. *Cromohs. Cyber Review of Modern Historiography*, 18, 97-114. <http://dx.doi.org/10.13128/CROMOHS-14122>.
- Gomes Filho, F. W. (2023). *Histórias de Assombramento: narrativas de um imaginário do sertão*. [Dissertação do Curso de História e Letras da Universidade Estadual do Ceará].
- Le Goff, J. (2017). *O nascimento do purgatório*. Vozes.
- Lecouteux, C. (1999). *Fantasmas y aparecidos en la Edad Media*. Olañeta.
- Lecouteux, C. (2013). *The tradition of household spirits: ancestral lore and practices*. Inner Traditions.
- Levi, G. (1992). Sobre a micro-história. In P. Burke (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas* (pp.133-161). Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Levi, G. (2014). O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. *Revista Tempo*, 20(1), 1-20.
- Levi, G. (2020). Micro-história e história global. In M. Vendrame & A. Karsburg (Org.). *Micro-história: um método em transformação* (pp. 19-34). Letra e Voz.
- Lozano, J. E. A. (2006). Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In J. Amado & M. de M. Ferreira. *Usos e abusos da história oral*. (8ª ed., pp.15-25). Editora FGV.
- Nova, M. M. N. C. (2012). *As lendas do sobrenatural na Região do Algarve*. [Tese de Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura, Universidade de Lisboa].
- Pesavento, S. J. (1995, janeiro). Em busca de uma Outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, 29(15), 9-27.
- Portelli, A. (1997). O que faz a história oral diferente. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 14, 25-39. <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11233/8240>.

Portelli, A. (2016). *História oral como arte da escuta*. Letra e Voz.

Reis Filho, L., Rodrigues, C. & Santos, C. J. dos. (2021). Assombrações, catolicismo e “não morte” nas narrativas do “Corpo Seco”. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 14(42), 29-68. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/58416/751375153556>.

Revel, J. (1998). Microanálise e construção social. In J. Revel (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise* (pp. 15-38). Fundação Getúlio Vargas.

Revel, J. (2000). A história a rés-do-chão. In G. Levi. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII* (pp. 7-37). Civilização Brasileira.

Santos, C. J. dos. (2017). *A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE* [Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Ceará].

Schmitt, J.-C. (1999). *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Companhia da Letras.

Silva, R. M. B. da. (2012). *Assombrações na Bíblia Judaica: Estudo classificatório sobre tradições folclóricas de demônios e fantasmas difundidas no Antigo Israel e subjacentes aos textos hebraicos canônicos* [Dissertação de Mestrado em Teologia, Escola Superior de Teologia].

Simon, Z. B. (2009, outubro). Method and Perspective. *Journal of Microhistory*, 1(1), 1-23.

Thompson, P. (1992). *A Voz do Passado: História Oral*. Editora Paz e Terra.

Tuan, Y-f. (2005). *Paisagens do medo*. UNESP.

Tuan, Y-F. (1983) *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. DIFEL.

Werner, M., & Zimmermann, B. (2012). Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista do Programa de Pós-graduação Em História da UnB.*, 11(1-2), 89–128. <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27853>.

Submetido em 7 de abril de 2024

Aprovado em 12 de dezembro de 2024

